

## SOBRE A MAIOR DAS VERGONHAS... ...o mais repelente dos crimes!

A república tem sido moralmente um sudário de vergonhas, como se pode inferir pelos factos dos políticos *soit-disant* republicanos. A república é a mangedoura cada vez mais alargada para satisfação do apetite, cada vez mais voraz, de insaciabilidade comprovada, dos políticos cujas ambições fazem multiplicar os escândalos. O ideal na política republicana — são as postas. O ideal frequentemente é excedido e então temos os Transportes Marítimos, a Exposição Rio de Janeiro e toda uma longa série de escândalos, irmãos, gêmeos dos dois que citamos.

Dentro deste festim de Baltazar, deste colossal banquete cotidiano que a república tem sido nas mãos dos dirigentes políticos, tudo perdeu a significação, tudo se descharacterizou.

Não há em rigor um partido democrático, nem tão pouco existe um partido nacionalista. Há dois grandes grupos de ambiciosos, duas clientelas famintas tendo por princípios os compromissos e por orientação os apetites. Um ventre é todo um programa político desfraldado.

O *Anuário Comercial* é o livro de linhagens dos republicanos. Folheá-lo é fazer a história da política republicana. Encontram-se lá quasi todos os políticos de evidência nos elencos de todas as empresas financeiras, de todas as companhias coloniais, de todos os bancos, de todas as sociedades sinistras que arruinam e exploram o povo. E chega-se à conclusão de que o parlamento é uma assembleia geral de apaniçoados, de cúmplices das «forças vivas» que os governos são também o reflexo, e mais do que o reflexo, a expressão dos desejos e dos interesses dos financeiros.

Os democráticos são quem mais tempo têm retido nas suas mãos o poder, são portanto os que mais postas conquistaram.

Mas os políticos têm uma relativa solidariedade entre eles, mau grado todas as questões, todos os despeitos, todas as ambições que os dividem. E os nacionalistas não estão, como se supõe, de mão a abanar e de estômago vazio. Os democráticos tiveram o cuidado, o interesse, o cuidado de lhes distribuir empregos em que se ganha muito sem trabalhar nada, — não fosse a fome torná-los raivosos.

Como estão bem jantados, o acordo entre eles não é impossível. Com uma baseinha eleitoral estes inimigos tornam-se bons amigos. E daí os dois partidos chegam a um acordo, feito entre bastidores, e impudicamente desmentido em público, que torna possível a existência do

actual governo António Maria da Silva.

Politicamente isto, à luz de qualquer critério moral, é a maior das vergonhas...

... E sobre a maior das vergonhas, o maior dos crimes: uma população a quem negam o pão, a quem negam a instrução, a quem negam a casa, a quem negam a justiça e a liberdade, colocada à margem da vida e sujeita a todos os vexames e alvejada por todas as tiranias.

Para os que dirigem a política inventou-se a impunidade sob a forma de sindicâncias ou sob o aspecto curioso de autoridades incontestadas: serem presidentes do ministério e ministros do interior. Para os operários os epítetos mais insultuosos, as perseguições mais aviltantes, as prisões mais injustificadas, as agressões mais bárbaras e as deportações mais infâmicas.

Compreende-se que a fome torne raivosos um cão. Não se compreende que os políticos que se banqueteam, se obtemem, se tornem dum tão grande enriquecimento contra os operários que esfomeiam. Um tigre perde a ferocidade quando está bem comido. Os políticos mais ferozes do que os tigres, são ferozes mesmo quando a indigestão ameaça rebentá-los.

O sr. António Maria da Silva manifestou uma desumanidade atroz, uma odienta ferocidade quando declarou ter decidido que os deportados da Guiné não regressariam à metrópole, apesar de não terem sido sequer submetidos a julgamento. E todo o governo está solidarizado com esse seu gesto, todo o governo pensa como o seu chefe António Maria da Silva que os deportados devem ter por cemitério — a Guiné!

E o sr. António Maria da Silva é Administrador Geral dos Correios e Telégrafos, onde nada faz e onde recebe um vencimento fabuloso; é sócio da Sociedade das Pescarias e sócio dum grande café de Lisboa. O sr. Lago Cerqueira, ministro do Trabalho, é proprietário, capitalista e um dos principais influentes e mandatários da Moagem. O sr. Lima Bastos, ministro das Finanças, está estreitamente ligado a um grande banco, a casa Burnay, e a um grande monopólio, o dos tabacos. O sr. Portugal Durão é director de várias companhias. Este ministério cuja composição é uma das maiores vergonhas entendeu que devia celebrizá-lo decretando o maior dos crimes — a manutenção das deportações.

## A REVOLTA NA CHINA

As concessões a estrangeiros

WASHINGTON, 11. — A proposta americana relativa ao estudo dos direitos de extraterritorialidade das concessões europeias na China, foi mal recebida pelo Japão.

No entanto o presidente Coolidge ordenou ao sr. Kellogg, secretário de estado para os negócios estrangeiros, que estude a possibilidade da renúncia duma conferência para tal fim.

Shameen vai ser assaltada

HONG-KONG, 11. — Segundo uma informação recebida em Cantão, o comandante da escola chinesa de cadetes em Wampas aceitou o plano para a tomada de Shameen, bairro europeu do Cantão e Kowloon, território dos arredores de Hong-Kong cedido à Inglaterra.

Com a opinião favorável do militar russo, os chineses dizem que Shameen pode ser tomada em dois minutos com o custo de mil vidas chinesas.

Os círculos militares em Shameen afirmam porém que a concessão é presenteiramente inexpugnável aos ataques das forças de que dispõem os revoltosos chineses.

Vai terminar a greve em Cantão

HONG-KONG, 11. — A greve dos chineses tende a acabar nesta cidade em virtude de se encontrarem quasi exaustos os fundos de resistência.

Um protesto do Japão

PEKIM, 11. — O embaixador japonês apresentou um protesto do seu governo ao ministro dos estrangeiros contra os distúrbios ocorridos em Hankau, Kikiang, Schinking e Cantão, lançando toda a responsabilidade dos mesmos sobre o governo chinês.

Japão e Inglaterra entendem-se

TOKIO, 11. — Segundo um jornal desta cidade vai realizar-se uma série de conversações entre o ministro dos negócios estrangeiros e o embaixador britânico, tendo em vista a conclusão duma aliança anglo-japonesa para o estabelecimento da paz no Extremo Oriente.

## O TERROR FASCISTA NA ITÁLIA

Assassinatos e perseguições

Relatam-se episódios selvagens de terror fascista executados ultimamente no distrito de Polesino, no norte da Itália.

Durante uma expedição punitiva contra a casa de dois irmãos socialistas, em Bara, província de Rovigo, foram justicadamente abatidos dois bandoleiros fascistas.

Então os «camisas negras» recorreram às represálias, atacando e devastando as casas de muitos dos seus adversários. Um dos seus irmãos socialistas foi preso, e a sua casa destruída.

Nas ruas foram espancadas todas as pessoas, que se sabia, ou se supunha pertencerem aos partidos socialista ou comunista, ou a qualquer partido de oposição.

Cidades aterrorizadas

As mesmas cenas de terror foram repetidas pelos fascistas em muitas localidades da província de Rovigo, e até na própria cidade deste nome. Em Adria obrigaram certos estabelecimentos a fechar as suas portas em sinal de «sentimento» pela morte dos dois fascistas em Boara.

Dois membros do partido republicano não se quiseram sujeitar a tal imposição, o que deu lugar a um conflito, e a morte dum fascista.

As consequências deste acto ainda foram mais terríveis, tendo sido os dois negociantes agarrados dentro do seu estabelecimento, alinhados contra uma parede, e em seguida fuzilados.

Respondendo a uma interpelação na Câmara, o ministro do Interior, Federzoni declarou que «os fascistas deviam abster-se de tomar sobre si os direitos da polícia de castigar os delinquentes».

Realmente só um regime de crápula e de crime, como o que actualmente existe na Itália para vergonha da nossa civilização, é que pode merecer o aplauso e os elogios dos bandidos da «União dos Interesses Económicos» que depois de nos terem comido a carne, ainda pensam em acabar de nos roer tranquilamente os ossos, com o auxílio de scelerados da força dos «camisas negras».

## O DESPERTAR DUM POVO

### Os estudantes e os operários chineses

em luta contra a opressiva exploração dos grandes potentados capitalistas!

Em nenhuma manifestação da vida as frases convencionadas têm uma força de permanência e de persistência tão grande como na vida internacional. Quantos séculos não durou o ódio de raças para explicar todos os movimentos de protesto e de libertação da Índia?

Não se manteve — e ainda subsiste — aquela crença universal de que os conflitos com o mundo islâmico são sempre o fruto da predicação da guerra santa? — Acaso não bastou pronunciar em mil ocasiões a frase «autocracia russa» para dar uma explicação a inúmeras pugnas diplomáticas e guerrilhas? O sentimento de xenofobia, da China, não seria uma razão para explicar todos os actos de hostilidade contra as teolônias europeias?

Estas afirmações vulgares que se repetem e se transmitem de geração em geração, ocasionadas pela ignorância geral, como não exigem esforços de compreensão, nem trabalho de análise, aceitam-se como verdades definitivas e em torno delas constroem-se os mais erróneos sistemas e as mais absurdas teorias internacionais.

Agora, devido aos gravíssimos acontecimentos de Xanghai, em toda a imprensa europeia, especialmente na inglesa, suíça e mesmo na alemã, estuda-se e indaga-se muito a existência dessa «xenofobia» e chega-se à conclusão de que o movimento de protesto chinês tem algo de mais essencial e profundo que esse ódio ao estrangeiro.

Na China, desde o começo da guerra com o Japão, iniciou-se um movimento de independência e de desejo de libertação, que nos dias revolucionários, pouco mais ou menos nos anos de 1911 e 1912, se exteriorizou na constituição da República, tomou novas modalidades, nas leis fundamentais e políticas do presidente Yan-Chi-Kai, em 1914, as quais se acentuaram em 1923 com as reformas de Tsao-Kum. Mas isso não podia satisfazer as ansias reformadoras da juventude universitária, de cujas fileiras saíram os principais caudilhos de este movimento renovador, que nos sucessos de Xanghai teve a sua mais aguda expressão.

O próprio decreto de 24 de Abril que aboliu a Constituição Tsao-Kum, preparando uma nova organização na República, no fundo não correspondia às exigências das massas trabalhadoras.

Mas tudo isso não explica, nem exprime a grande corrente ideal, as enormes correntes espirituais que estão brotando da alma das novas gerações chinesas. O acusado caracter avançado de todos estes fenómenos, explica-se, não só porque o renascimento da China, provocado especialmente pelos operários e estudantes, é uma reacção contra o regime de intervenções que as grandes potências estabeleceram naquele país, onde são postos em prática pelos «civilizados», os métodos e procedimentos mais bárbaros e imorais para assegurar as suas indústrias naquela enorme mercado e para extrair dele as matérias-primas e os produtos de que necessitam e que compram aos mais baixos preços, mas também pela propaganda inteligente e fecunda dos elementos mais avançados da nova geração chinesa.

Com o caso do comércio do ópio e seus derivados, fomentando na China esse grande vício nacional, cometeu a Inglaterra um verdadeiro crime de lesa-humanidade provocando uma enorme decepção naquelas gentes que acreditaram na sinceridade do europeu.

Estas e outras razões que, embora com bastante trabalho, se podem obter dos relatos dos debates de Génova, durante as conferências do ópio, mostra-nos bem até que ponto é explicável o procedimento e a atitude dos estudantes chineses, unidos os seus protestos aos da massa trabalhadora.

Se fosse há coisa de vinte anos, a estas horas as potências teriam recorrido ao método fácil da intervenção. Mas hoje, está demonstrado que este sistema não dá nenhum resultado, antes é perigoso e ineficaz, como o demonstram os sucessos de Marrocos.

Uma atitude contrária provocaria um protesto das massas trabalhadoras organizadas de Inglaterra e muito provavelmente até dos liberais, segundo o que se depreende da atitude que estes tomaram nas últimas sessões onde a situação do Oriente tem sido debatida.

Nota-se pois, não só pela história do movimento, como pelos últimos telegramas recebidos, que o movimento iniciado pelas massas operárias, quer nacionais, quer internacionais, alastra pouco a pouco pelo mundo inteiro e que dentro em pouco seremos testemunhas da eclosão da revolta gigantesca do pária e do proletário contra o Capital e o Militarismo de todo o Universo.

EDUARDO FRIAS.

## Notas & Comentários

Situação embaraçosa...

O Dia de ontem publicava um protesto contra a apreensão de A Batalha redigido nestes termos:

«A polícia teve ordem para apreender A Batalha e queimar, nas oficinas, as matrizes da estereotipia do número de ontem. Coerentes com a nossa atitude de sempre, aqui fica o nosso protesto, embora inútil, contra a arbitrária violência que é bem republicana».

Não se fazia isto nos tempos da ominosa monarquia... derrubada para gozarmos a felicidade do regime que a C. G. T. ajudou a fazer e tem ainda agora ajudado para não servir a reacção!

Gostáramos de ver O Rebate, que não protestou contra a apreensão de A Batalha, atacar O Dia. Naturalmente, ainda teria a audácia de se proclamar um jornal defensor da pura democracia do «ilustre» correligionário António Maria da Silva, que persegue A Batalha calcando a lei de imprensa em vigor desde a despotica monarquia.

Campanha absurda

Tem vindo nos jornais uma campanha, feita por meio de cartas, contra a modernização dos pavimentos do Rossio.

Essa campanha é absurda e feita de pequenos despeitos. A ela não nos associamos, como o queria um anónimo que nos enviou uma carta afirmando-nos que os pavimentos modernos são uma afronta ao operariado.

Esse «anónimo» é por certo um pateta. O operariado não é contra o progresso; nem contra o conforto, mas sim contra o facto de reverterem unicamente em benefício dum minoria privilegiada. Quem supuser o contrário é tão parvo e tão reacçãoário como o anónimo que nos escreveu.

Um operário morto

Já não se realiza hoje, conforme anunciámos, o funeral do serralleiro José Maria, estando o seu cadáver entregue à polícia.

## LISBOA MODERNA

### O estilo «novo rico»

Todas as épocas, todos os períodos históricos de transformações, deixam impressões decorativas, correspondem na evolução das artes, a uma manifestação de carácter económico.

Não obstante a aparente antitesse, o elemento decorativo, corresponde na evolução das artes, a uma manifestação de carácter económico. Compreende-se. Um país ou uma civilização, sentindo-se pleboscópica de poder, enriquecida por um triunfo de casta, e colocando-se mais próximo da riqueza, são arrastados, já pelo personalismo exacerbado, já pelo desejo de eternizar esse triunfo, à criação de novos motivos ornamentais, operando uma verdadeira revolução na adaptação dos símbolos.

O rendilhado primoroso dos Jerónimos, lembra um trabalho de ourivesaria que deveria eternizar na pedra, a hossana formidável de uma nação, ao ouro da Índia, vincando bem para as gerações vindouras, um período de grandeza, de prosperidade, que tal foi o período das descobertas.

O triunfo dos cezares criou a arte romana, arte que tem a caracterização, nas inscrições, aquela grandeza evocadora de conquistas, que dá às pedras a configuração de muralhas, e aos templos, a magestade sombria das torres de fortificações.

As pretensas napoleónicas, o enriquecimento da França, obtido com o concurso das baionetas, são a origem económica do estilo Império.

Este fenómeno colectivo uma ampliação do mesmo fenómeno individual. Quasi sempre, acompanhando a prosperidade de um indivíduo desenvolve-se a preocupação de reforma, de embelezamento, e assim, o seu grau de cultura e sensibilidade que postas à prova, nessa preocupação em que há o espírito de beleza e a noção do conforto.

Do mesmo modo, o estilo duma época, dá-nos a moral da sua cultura e da sua sensibilidade. A época que atravessamos, deve também, fatalmente, gerar um estilo.

A transformação da riqueza, o assalto à fortuna por parte dum nova classe que entrou no apogeu que precede a decadência, deve fatalmente influir na fixação de novos motivos ornamentais.

A fúria do prazer, o delírio do luxo, a pesquisa do sumptuoso, são a preocupação dominante dessa nova classe afortunada. Essa pesquisa, esse delírio de grandeza, constituem os elementos psicológicos de elaboração do novo estilo, que cada época é fixado, pela sua concepção do grandioso, sobre que fixa o seu triunfo.

O maravilhoso, tal como o concebe uma geração, eis aí a síntese da formação dum estilo.

A nossa época, também ditará um grande estilo. Qual? O estilo «novo rico».

Al estão a atestá-lo as novas construções. A sua arquitectura, tentando espiritualizar em enormes edifícios muito trabalhados, bancos monumentais e cafés para endinheirados, reflectem toda uma tendência irrisória de decoração inéscita, que ficará como uma lamentável expressão do estilo arquitectónico da nossa época. São edifícios disformes, barrigudos, aligeirados com preciosismos ridículos, como quem pretendesse dar uma nota de beleza, colocando um repolhudo ramo de flores, em cima dum mesa de cozinha.

O mesmo no mobiliário, na pintura. O mesmo gosto pesado, a mesma banalidade apertada num novo convencionalismo que tenta deformar, mas que não consegue mais do que vincar um espírito grosseiro e rigorosamente estilizado.

E que falta a ideia, a aspiração espiritual, revelando o desejo de grandeza, sem um grande ideal por apoio.

Em todas as transformações económicas do passado a riqueza transitava para uma classe que, embora enriquecida, possuía já de seu o ardor sentimental por qualquer grande ideia, assimilável na expressão artística.

As descobertas, com os estímulos ideológicos do desconhecido; o espírito aristocrático com todas as suas prodigalidades e atitudes românticas ante o perigo; a própria religião, com a sua simbologia, foram elementos preciosos para a evolução da estética, para o desenvolvimento do espírito decorativo.

Nossa época não há nada. Não há sentimento algum. Existe apenas o interesse, o mais mesquinho e uma forte corrente psicológica a mistificação.

Assim, o novo estilo, o estilo «novo-rico», não podia deixar de ser uma mistificação de motivos ornamentais, a míltida expressão do período que atravessamos, em que as consciências se petrificam e todos os ideais da classe dominante visam à expolição...

EDUARDO FRIAS.

## UMA VOZ ACUSADORA

### A violência dos republicanos de hoje

condenadas pelos republicanos que derrubaram a monarquia

João Chagas, o panfletário que mais inteligente e vigorosamente combaten a monarquia, o revolucionário que foi o pensamento e a acção no «31 de Janeiro», uma das mais talentosas figuras de relevo da propaganda republicana, condenava as apreensões de jornais com uma violência feita de desdém e incoerência. E' dele este artigo que foi publicado no *Primeiro de Janeiro*, jornal que não era republicano. Ao transcrevê-lo, apressamo-nos da melhor arma que pode ser jogada contra os tiranetes inconcebivelmente estúpidos e maus que hoje são proprietários do país:

«O que se pensará daqui a cem, daqui a duzentos anos, da apreensão dum jornal?»

Será este facto reputado odioso, ou será simplesmente reputado grotesco?

Eu suponho que será reputado um facto grotesco e que os posteriores ainda, à nossa custa, terão bem boas barrigadas de riso.

Com efeito qual a ideia da apreensão?

E' a ideia de impedir que uma verdade circule, e há porventura nada mais grotesco do que desatar a correr atrás de uma folha de papel, porque essa folha — contém uma verdade?

Alto! contestam, porém, os poderes públicos — Essa folha de papel não contém a verdade: contém uma mentira, e há porventura nada mais burlesco ainda do que correr atrás de uma mentira?

Verdade, mentira é o pensamento e nada há mais risível do que querer apreender o pensamento!

Eu vi algumas vezes apreender jornais nas ruas de Lisboa e nunca pude deixar de rir a bandeiras despregadas, mesmo quando esses jornais eram meus, porque asseguro-lhes que não há espectáculo mais divertido.

Que faz esse homem de sabre em punho atrás de um rapazinho que foge? Corre atrás do rapaz? Não. Corre atrás duma verdade que ele leva nas mãos, embrulhada nalgumas folhas de papel.

O homem acerca-se do rapaz, arranca-lhes das mãos as folhas de papel e mete-as no bolso com um sorriso de satisfação.

O que significa o seu sorriso? Significa que conseguiu esconder no seu bolso uma verdade.

Escondeu-a?

Na realidade, denunciou-a. Enquanto essa verdade circulava tranquilamente nas mãos do rapaz, era talvez uma verdade obscura.

Para o nosso «dossier»...

Com o título «O que seria?» publicámos no dia 2 do corrente um pequeno sueto noticiando a passagem, sob a janela da nossa redacção, dum preso que caminhava com dificuldade e soltava constantes gemidos. Informados do que se passou, podemos dizer hoje ao leitor que o preso em questão era o operário servente de estuador Jaime de Lima, que o polícia 2248 da 3.ª esquadra e outros guardas selvaticamente agrediram junto à esquadra do Caminho Novo, na ocasião em que o capturaram.

Como o inquiridor dos espancamentos aos presos nunca conhece estes factos, a medida que os fomos conhecendo, esmalta-lhos n'estas colunas para o nosso «dossier»...

A SITUAÇÃO MILITAR NO RIFF

O general francês Guillaumat recusou o comando do exército de Marrocos

O governo francês não pôde dissimular de maneira nenhuma que a situação do exército em Marrocos é muito crítica. Um jornal de Paris publica a seguinte nota officiosa do gabinete:

«A situação militar em Marrocos continua bastante séria. Se não apresenta nenhum perigo imediato, pelo menos, no que diz respeito ao sector de combate, já não acontece o mesmo a este do front, no sector de Taza.

«As dissidências multiplicam-se, os rifenhos continuam a romper o front em vários sítios e estão inquietando bastante o governador local que receia bastante pela sorte da única linha de caminho de ferro que liga Marrocos à Argélia».

Ora todo este palavriado pode resumir-se numa simples frase: Marrocos inteiro ergue-se contra o invasor e os franceses estão a apertar para o seu tabaco.

Mas o caso que mais está apaixonando a opinião pública francesa é a recusa do general Guillaumat em substituir Lyautey no alto comando do exército de Marrocos.

As causas de uma tal atitude só difficilmente poderão ser conhecidas. Mas o facto está bem patente e as considerações que se lhe podem fazer são inúmeras.

Seja de que maneira for o proletariado do mundo inteiro deve determinar que no dia de hoje, o espírito de independência dos povos rifenhos coloque a evacuação de Marrocos na ordem do dia da História da Humanidade.

A guerra de Marrocos

A Inglaterra não quer intrometer-se

LONDRES, 11. — Segundo o «Daily Express» a resposta britânica à nota espanhola sobre Marrocos é constituída por uma pura negativa à sugestão de participar nas medidas de repressão, recusando imiscuir-se em assuntos que considera de política interna da França e da Espanha.

Infiltração moura repelida

RABAT, 11. — Foram repellidos os grupos inimigos que se havia infiltrado ao sul do Ouergha, poucos restando nesta região.

Uma conferência

RABAT, 11. — O almirante Guerra, comandante da esquadra espanhola, chegou hoje a este porto, tendo conferenciado longamente com o marechal Lyautey.

Um chefe e sessenta mouros prisioneiros

RABAT, 11. — Em Gabes foi detido o chefe indigena Ben Gueirache, acusado de propaganda anti-francesa e de relações directas com Abd-el-Krim. Foram também detidos mais de 60 indigenas implicados na mesma propaganda.

Os rifenhos vão avançando

TANGER, 11. — Recebemos notícias nesta cidade de que os rifenhos iniciaram uma nova e violenta ofensiva contra as frentes francesa e espanhola.

A linha de batalha francesa encontra-se a uma distância de 20 quilómetros de Taza e o avanço rifenho sobre Fez está momentaneamente ganhando terreno.

ASSINEM Os mistérios do Povo

Nos bolsos do homem tornou-se uma verdade famosa e se corria nas mãos do rapaz, nas mãos do homem ainda corre mais. Agora não corre: voa.

Toda a gente ri. Ri-se como de tudo o que é pueril e vão. Ri-se da omnipotência do rapaz. Ri-se da impotência do homem.

Rapaz! Não fuja. Não te des ao trabalho de fugir. Deixa-te agarrar por esse homem furibundo que te persegue. Arranca-te das mãos os jornais?

Deixa-os arrancar. Agora já não és tu que os apregouas. — E' ele. Estão escondidos nos seus bolsos e irradiam.

Nas tuas mãos eram apenas jornais. Agora são um claro. Não se perdeu, nada, a não ser as poucas moedas de dez reis de que ele te privou. Mas tranqüiliza-te. — Serás indemnizado amanhã do prejuizo que sofreste hoje. A verdade dá sempre dividendo e, em suma, fizeste-nos passar um bom bocado».

A Batalha continua ainda submetida ao regime de pura arbitrariedade e de deplorável vexame que é a censura prévia que só pode vigorar quando há guerra ou se está em estado de sítio. A arbitrariedade é ainda mais infame porque não abrange toda a imprensa, atinge somente o nosso jornal. Saliu-se fora da lei de imprensa, deu-se um pontapé violento em todos os escrúpulos, calcaram-nos a pés — a patas imundas e compridas dos habitantes das alforjas do governo civil — só para nos amordaçarem.

Tem direito a gozar da lei da imprensa o *Século*, órgão das «forças vivas», o órgão da Legião dos bandoleiros das fábricas, do balcão e dos bancos, a *Epoca*, órgão do conservantismo monárquico e do intolerantismo católico. Nós, não. Os operários não podem ter um jornal que defenda as suas aspirações e os seus interesses.

Para a Batalha, exclusivamente para a Batalha se fez a arbitrariedade que é o vexame e que é a mordaça.

Ontem, a Batalha esteve indecorosamente impedida de circular até às 8,30 da manhã. Foi-se ao governo civil reclamar para que a saída do jornal se podesse fazer. Não era lá — disseram. Veio-se à esquadra da Mercês. Não era lá — replicaram. Voltou-se ao governo civil — repetiu-se a negativa. Depois: outra vez, governo civil. Continuaram a negar, mas deram um papel, um papelinho para que a Batalha saísse. Na esquadra das Mercês desdobrou-se, mirou-se, remirou-se, soletrou-se o papel e obteve-se a resposta, olímpicamente desdenhosa, de que ele não passava dum vago papelinho, dum papelinho sem importância nenhuma.

Quem seria então o responsável? O brusco agente que primeiro irrompeu abusiva e insolentemente pela casa da máquina? Não era crível. Apenas tivemos de convir que o vilão, autor da façanha, tem o horror das responsabilidades, — que vivemos numa ditadura covarde e sem fisionomia.

está bem patente e as considerações que se lhe podem fazer são inúmeras.

Seja de que maneira for o proletariado do mundo inteiro deve determinar que no dia de hoje, o espírito de independência dos povos rifenhos coloque a evacuação de Marrocos na ordem do dia da História da Humanidade.

A guerra de Marrocos

A Inglaterra não quer intrometer-se

LONDRES, 11. — Segundo o «Daily Express» a resposta britânica à nota espanhola sobre Marrocos é constituída por uma pura negativa à sugestão de participar nas medidas de repressão, recusando imiscuir-se em assuntos que considera de política interna da França e da Espanha.

Infiltração moura repelida

RABAT, 11. — Foram repellidos os grupos inimigos que se havia infiltrado ao sul do Ouergha, poucos restando nesta região.

Uma conferência

RABAT, 11. — O almirante Guerra, comandante da esquadra espanhola, chegou hoje a este porto, tendo conferenciado longamente com o marechal Lyautey.

Um chefe e sessenta mouros prisioneiros

RABAT, 11. — Em Gabes foi detido o chefe indigena Ben Gueirache, acusado de propaganda anti-francesa e de relações directas com Abd-el-Krim. Foram também detidos mais de 60 indigenas implicados na mesma propaganda.

Os rifenhos vão avançando

TANGER, 11. — Recebemos notícias nesta cidade de que os rifenhos iniciaram uma nova e violenta ofensiva contra as frentes francesa e espanhola.











# A BATALHA

É preciso dar o sinal dum agrupamento dos homens de ciência, dos especialistas, dos técnicos, tendo por fim a preparação orgânica da sociedade nova. — Jaurés.



NA INGLATERRA

## O conflito mineiro

Os patrões querem reduzir os salários e aumentar as horas de trabalho

A-pesar das negativas do ministro Baldwin, afirma-se que os proprietários das minas têm a intenção de pedir ao governo que substitua por 8 as actuais 7 horas de trabalho dos mineiros, o que estes se mostram dispostos a não aceitar de forma alguma.

Diz-se que os proprietários estão exercendo uma certa pressão sobre alguns *landlords*, a fim de que estes possam desviar o curso dos acontecimentos, que se esperam. Falando numa reunião de accionistas em Sheffield, lord Aberconway declarou que do lado dos operários há chefes que têm uma grande inteligência e princípios elevados. E' com estes que eles desejam tratar, e não com os que só sonham com jornadas curtas de trabalho e com altos salários.

Cook, o secretário da federação dos mineiros, interrogado sobre os propósitos do governo inglês, declarou que este não tinha a menor intenção de apresentar qualquer projecto de nacionalização das minas, nem de resgate dos direitos dos proprietários. Estes recebem anualmente seis milhões e meio de libras de direitos sem fazer o menor trabalho, unicamente porque possuem as minas, e portanto não têm direito a qualquer resgate.

A associação dos proprietários das minas comunicou à Federação Nacional dos Mineiros a sua intenção de pôr fim ao acordo nacional a partir do 1.º de agosto futuro. Se daqui até lá não se tiver concluído um novo contracto, fechar-se-hão inevitavelmente as minas.

O acordo mencionado foi o que terminou com o «lock-out» de 1921. Em vista deste acordo, o salário mínimo dos operários mineiros, tinha sido fixado em 33 1/2 por cento acima dos salários da base de julho de 1914. Além disso os operários participavam nos lucros líquidos da exploração na proporção de 80 %.

Estes juros eram calculados depois de se ter deduzido os salários, as outras despesas de exploração e um benefício para os proprietários, benefício que era, pelo menos, de 15 %, da importância total dos salários.

Quasi dois milhões de «chômeurs»

Na Inglaterra, senhora dum vastíssimo e rico império, há hoje quasi dois milhões de homens sem trabalho.

Aumenta a criminalidade, e heroicos veteranos da grande guerra mendigam o pão, para não morrer de fome.

O governo distribue pelos sem trabalho um subsídio, que apenas serve pela sua

insignificância para lhe prolongar por mais tempo o seu martírio.

O inquérito aberto para investigar os remédios contra a carestia da vida deu por resultado propostas «luminosas»: a proibição da exportação de viveres, e o restabelecimento do padrão ouro.

Procura-se com afan o ouro, por ser considerado o instrumento indispensável para resolver a crise interior.

Jornais e tratados falam já do «excesso de população», e recomendam como remédio a emigração.

No entanto, nenhum deles se refere ao vicioso processo de organização industrial e agrícola, dentro das normas de sociedade de capitalista, a causa única e verdadeira de todos os males constatados na Inglaterra.

A burguesia, em face desta crise tremenda, limita-se a declarar, que não pode resistir à concorrência estrangeira, sem apresentar qualquer ideia, que possa agora remediar favoravelmente a situação da classe trabalhadora.

### Actividade sindical

Estão-se organizando nos mais importantes centros industriais da Inglaterra «Conselhos de acção» com o fim de apresentarem em conjunto, e em nome da classe operária, as suas reclamações às organizações patronais.

Os «Conselhos de acção» são formados pelos delegados dos organismos locais, e apoiam também o movimento tendente a estabelecer a quadrupla aliança entre os mineiros, ferroviários, metalúrgicos e trabalhadores de transportes.

Em Glasgow realizou-se em 23 de Maio último uma conferência para criar um «Conselho de acção», tendo-se ali condenado a colaboração de classes, e assentado que competia ao conselho: organizar uma campanha para a reorganização das associações operárias; organização dos comités de fábrica; contacto íntimo com as cooperativas e uma campanha de *meetings* nas fábricas.

Os «Conselhos de acção» em seguida organizados, orientaram-se mais ou menos, por estas normas.

Existem já conselhos em Liverpool, Edimburgo e Paisley.

Pouco depois da guerra, os «Conselhos de acção» que existiam então conseguiram forçar Lloyd George a retirar, a sua ameaça de guerra contra a Rússia.

## HORARIO DE TRABALHO

Condutores de carroças

Vai aumentando o numero das casas que concedem o horário

Continua em luta o pessoal das casas: Alfredo R. Faria, José Martins & C., F. U. de Oliveira, Francisco Gonçalves Barroca, Pedro Pio, Moraes & C., e Santos e Silva.

Só a aversão da maioria destes senhores ao horário de trabalho mantém o seu pessoal na luta.

Temos constatado que os proprietários continuam na sua guerra às reclamações da classe.

Sabem muito bem esses senhores que estão fora do regulamento ultimamente publicado como do compromisso tomado quando do movimento da classe em 1920.

Compromisso que eles agora traem.

Mas temos a certeza que enquanto os camaradas se mantiverem na atitude firme em que actualmente se encontra, os patrões terão de convencer-se da razão e da justiça que aos operários cabe.

Não queremos deixar de registar a atitude reles e de traição para com toda a classe os condutores da casa M. Fernandes Alves, do Bairro Alto, que se submeteram à ignóbil imposição desse senhor atraçoando por completo o horário de trabalho, atitude tanto mais para lamentar que já noutra ocasião se manteve dignamente.

Não é de louvar também o proceder deste proprietário, que recebeu com muitas mesuras a comissão e agora não cumpre o que prometeu: dar o mesmo horário das outras casas.

Até à data mais as seguintes casas se comprometem a respeitar o horário de trabalho: Tavares & Soares, Tomás José Martins, José C. Ferreira, António J. Fernandes, José Francisco e José Madeira.

Está-se tratando com outras casas o cumprimento do horário, e não deixará de desenvolver-se a acção necessária para obtê-lo totalmente.

As adesões dos proprietários continuam a verificar-se.

No Sindicato encontra-se permanentemente um delegado das 9 às 23 para receber qualquer comunicação sobre o assunto e, ao mesmo tempo, receber todas as adesões dos proprietários.

Todos os condutores que tenham reclamações a fazer devem dirigir-se ao Sindicato.

Hoje vão encetar-se várias «demarches» para a solução de conflitos existentes.

Não esqueceu o movimento geral, votado na última assembleia geral, que será lançado logo que se julgue oportuno.

### Secção do Póço do Bispo

Reúnem hoje, pelas 19 horas, em sessão magna, os condutores da área do Póço do Bispo para apreciar a forma como se está fazendo cumprir o horário de trabalho.

A reunião magna de hoje dos condutores de carroças

Reúne hoje, pelas 14 horas, a classe dos condutores de carroças, em sessão magna, na calçada do Combro, 38-A, 2.º, para apreciar as «demarches» da respectiva comissão e resolver o caminho a seguir em face da intransigência dos proprietários de carroças.

A «sapiência» do secretário do delegado do governo de Torres Novas

TORRES NOVAS, 10. — O horário de trabalho tem provocado nesta localidade, casos dignos de narração.

Há poucos dias o industrial e proprietário Benjamin Pereira, das Lapas, despedia todos os operários que tinham ao seu serviço alegando como pretexto que não tinha serviço, o que é uma mentira vergonhosa; pois que um operário da casa contou-nos que o patrão, entre outros, tinha os seguintes trabalhos para começar: 3 carros para bois, 4 horas de tirar água, 1 charrete e 2 caldeiras de cobre. Todos estes trabalhos estavam encomendados. Conviém acrescentar que os serviços acima mencionados levam aproximadamente 2 a 3 meses a manufacturar aos 9 operários.

Ainda não fica por aqui. Momentos depois de ter despedido os seus escravos mandou chamar 5 destes, pondo-os de novo ao serviço, mas deixando os restantes no olvido e na contingência de sofrerem as agruras da miséria.

Succede, porém, que os operários despedidos não se conformando com a atitude reles do patrão, queixaram-se às entidades competentes reclamando a sua interferência no assunto.

Chegados à administração, como não estivesse o delegado do governo, foram recebidos pelo secretário da mesma. Quer saber o leitor qual foi a resposta daquella talentoso secretário?

—Que era melhor os operários aconselharem-se com um advogado!

A que miserável situação nós chegámos. E são estes jact quasi todas as autoridades que ignoram vergonhosamente as leis do país, e em vez de procederem de harmonia com as mesmas dão destes conselhos! — C.

União dos Empregados no Comércio do Porto

Promovida pela Comissão Central de Fiscalização ao Horário de Trabalho no Comércio, realiza-se na próxima quarta-feira, pelas 21 horas, na sede da União dos Empregados no Comércio do Porto, rua da Torrinha, 54, 2.º, uma importante sessão magna, para resolver sobre o caminho a seguir em face da atitude do patronato.

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho sendo o seu preço avulso de \$50.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-há um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de A Batalha.

Conhececi o vosso país

TODOS DEVEM conhecer o magnífico «Mapa de Portugal e Guiné dos Açores», o mais completo em «idades», «vilas», «aldeas», «rios», «montes», etc. Preço: 250, pelo correio Esc. 350. Pedidos à Livraria Popular de Francisco Franco — So. T. S. D. —

## AS GREVES

A dos têxteis de Gouveia

Um atentado gorado. — Solidariedade que se não faz esperar

Gouveia, 10. — Continuam os grevistas animados do mesmo espírito de luta.

O presidente do Sindicato têxtil foi alvo dum atentado à navalha projectado por um amarelo de nome João Pigueiro, tendo saído ileso.

Valeu-lhe a intervenção de João Nunes Correia, que o acompanhava e que foi atingido com um risco no corpo, de pequena importância.

O agressor foi preso.

Na sessão de ontem da Câmara Municipal foi nomeada uma comissão pró-solução do conflito.

Pela direcção do Sindicato foi feito um apelo a todas as pessoas que quizessem albergar crianças a cargo dos grevistas, para a elas se dirigirem, tendo já sido requisitadas dezenas de crianças das mais necessitadas, sendo talvez impossível enviarem-se algumas para fora, devido à situação financeira do Sindicato.

A U. S. O. de Guimarães apoia o movimento dos operários mobiliários daquela cidade que prossegue indefectível

GUIMARÃES, 9. — Reuniu extraordinariamente a União dos Sindicatos Operários estando presentes os seguintes sindicatos: Mobiliários, Têxteis, quatro artes de Construção Civil, Calçado, Couros e Peles, a fim de dar andamento a diverso expediente e expor assuntos de interesse às diferentes classes operárias e, em especial, aos mobiliários que presentemente se encontram em luta.

Aberta a sessão, às 22 horas, sob a presidência de Luís Garcia Martins, mobiliário, secretariado por António de Carvalho Pastos, fabricante de calçado, e Manuel Martins, têxtil, usa da palavra Luís Garcia Martins, que propõe que seja nomeado escriturário da U. S. O. O. Eduardo Augusto da Silva, tipógrafo. Aprovado.

Em seguida leu um officio que o S. U. I. Mobiliária desta cidade dirigiu à mesma União no sentido de ser exposto ao Sindicato da C. Civil a necessidade de auxiliarem moralmente aqueles camaradas que se encontram em luta, não consentindo que alguns operários daquela classe se encontrem a trabalhar na casa Neves & C.

Luís Garcia propõe que seja oficiado ao delegado do governo nesta cidade, impondo-lhe mais uma vez o cumprimento integral do horário de trabalho. Foi resolvido que uma comissão de mobiliários e de um delegado da U. S. O. vá novamente entrevistar aquella entidade, apelando para a solução da greve dos operários do mobiliário e impondo o cumprimento das 8 horas aos industriais Neves & C., que continuam mantendo o seu capricho bruto, prejudicando os operários que se encontram em luta.

Amanhã reúne o Sindicato Mobiliário a fim de apreciar os trabalhos junto do referido delegado do governo. Depois damos mais informes. — C.

### CONFERENCIA

“A literatura portuguesa e a modernidade”

Realiza-se na próxima segunda-feira, 13, pelas 21 horas, na sede da União dos Empregados no Comércio, rua da Torrinha, 54, 2.º, Porto, uma conferência pública, subordinada ao tema: «A literatura portuguesa e a modernidade».

Será conferente o sr. António Costa Carvalho.

Em Cascais

CASCAIS, 12. — Realiza-se amanhã, segunda-feira, às 21 horas, no Sindicato Unico da Construção Civil desta villa, uma conferência pelo camarada Mário Domingues.

E' de esperar que todo o operariado do concelho compareça, atendendo ao tema que o orador vai desenvolver.

Luta de classes

Os mineiros ingleses submetem-se à arbitragem

LONDRES, 11. — A federação dos mineiros conferenciou com o sr. Bridgeman, encarregado pelo governo para arbitrar o conflito existente.

O sr. Bridgeman encontra-se agora de posse das duas opiniões das duas partes em litígio as quais está estudando cuidadosamente procurando estabelecer as bases duma refinação conjunta.

A greve dos mineiros é inevitável

NEW YORK, 11. — O *leader* trabalhista mineiro John Lewis considera inevitável a greve dos trabalhadores mineiros, em consequência dos proprietários insistirem na baixa de 10 por cento nos salários, a fim de poderem diminuir o preço do carvão.

Semana Internacional de Cooperativas

Com uma concorrência regular realizou-se anteontem, para encerramento da Semana Internacional das Cooperativas, na sede da velha cooperativa Caixa Economica Operária, uma sessão de confraternização cooperativista estando representados a F. N. C., Cooperativas, Filial Naval, A Social, Oriental, Aberta a sessão, Quintos, em nome da Comissão da Semana Internacional das Cooperativas, convidada para presidir o dr. Andrade Saraiwa, da F. N. C. e secretariado por Carlos Freire e Manuel Marco, delegados respectivamente da Fabril Naval e A Social. Fizeram uso da palavra, dr. Andrade Saraiwa, Quintos, Carlos Freire e Manuel Jorge Costa que lê um discurso sobre a história de cooperativismo. Vaguetiro como velho cooperativista e Garcia Ramo, em nome da comissão, agradeceram as cooperativas e cooperativistas que responderam ao desejo da instituição C. E. O. O presidente encerra a sessão com vivas ao movimento cooperativista, à Federação e à Caixa Economica Operária.

## Ferrovieiros do Estado

A Comissão de Melhoramentos conferência com o ministro do Comércio

A comissão de melhoramentos dos Ferrovieiros do Sul e Sueste, acompanhada por alguns praticantes de estação, avistouse ontem com o sr. Gaspar de Lemos, actual ministro do Comércio e Comunicações, a quem expoz nitidamente a situação precária da classe ferroviária, agravada com as ultimas ordens da Administração Geral que manda desabonar 32 praticantes, com 5 anos de serviço, alguns com o encargo de mulher e filhos.

Também, em consequência de uma circular interna dos serviços, foi cercada a regalia mantida em face de um decreto, dos passes ao pessoal eventual, quando o referido decreto diz que têm direito a essa regalia todos os empregados de caminhos de ferro desde que tenham mais de 3 anos de serviço.

O ministro do Comércio, que recebeu a comissão muito amavelmente, informou que na parte que diz referência aos passes vai mandar suspender essa circular; e na parte dos praticantes aguardar a chegada do administrador geral e do director dos caminhos de ferro do Sul e Sueste a fim de esclarecerem devidamente tão momentoso assunto.

Sobre as reclamações morais e económicas dos ferroviários do Estado, entregues em Agosto do ano passado, ficou a mesma comissão de se avistar brevemente com o referido ministro a fim de ser atendida a situação desastrosa em que se encontram os referidos ferroviários que são os servidores do Estado mais mal pagos.

### INTERESSES DE CLASSE

Condutores de Carroças

Como os trabalhadores desta classe são explorados pelos proprietários

Nas colunas deste jornal, mais do que uma vez, se tem descrito a forma como são explorados, pelos proprietários, os condutores de carroças. Como o assunto em toda a sua amplitude não tem sido tratado atrevo-me, também, a dizer alguma coisa, precisamente por a classe dos condutores neste momento estar pelejando contra os proprietários.

O conflito, originado por estes no não cumprimento do horário de trabalho, pode trazer graves consequências, não só para a classe como ainda para o publico. Isto já foi demonstrado pelo nosso organismo de classe parecendo que as autoridades passam por estas verdades sem as ver.

Também as constantes violências que constituem os despedimentos dos condutores de carroças, continuam a merecer das autoridades um desprezo absoluto, apesar do artigo 9.º ser bem claro quando diz:

«As autoridades e agentes administrativos e policiaes fiscalizarão e farão cumprir as disposições sobre o horário do trabalho, levantando autos e impondo multas aos infractores».

Também o artigo 14.º é bastante concluinte quando diz:

«Todo o patrão que despedir qualquer trabalhador ou empregado por ele exigir o cumprimento das disposições deste diploma será punido com a multa correspondente à importância do salário anual ou remuneração respectiva do trabalhador ou empregado despedido».

E o que verificamos nós?

Os proprietários despedem diariamente aqueles que se não conformam com as suas exigências, enquanto as autoridades absolutamente indiferentes assistem a estas irregularidades.

Mas nós sabemos-lo bem. Só aos condutores é que são aplicadas severas penalidades pelas transgressões, às vezes sem a menor responsabilidade do suposto delinquente. Os proprietários esses podem viver descansados e seguros da impunidade. Por esse motivo ocorre-nos fazer as seguintes perguntas: Então as leis não se fizeram para ser cumpridas? Ou serão apenas os pequenos que as devem respeitar?

A alegação de que os proprietários, em virtude da crise não podem respeitar o horário, é perfeitamente infantil. O fundo da questão é bem conhecido por nós. O que se pretende é provocar uma abundância de braços, para diminuir os salários, embora os condutores tenham que trabalhar 12 e 14 horas.

Por consequência o que se exige neste momento, é a classe afirmar a sua vitalidade impondo-se aos maneios dos seus exploradores como exige a sua condição de explorados.

E só assim o horário das 8 horas poderá ser fielmente cumprido. São estes os meus votos.

Joaquim Luís da COSTA

Conductor de carroças sindicalizado

A 22\$00 Desperdiçados A 30\$00 Relógios de bolso

AS MELHORES MARCAS DE RELOGIOS

Ourivesaria e Relojoaria Manuel Rodrigues Junior

Rua dos Tanqueiros, 396

(Esquina da Rua Silva e Albuquerque)

CRISE DE TRABALHO

Operários das obras do Estado

Os delegados do Sindicato Unico da Construção Civil têm de estar amanhã, às 10 horas, no ministério do Comércio e de ir no mesmo dia à tarde ao parlamento a fim de tratarem da proposta de lei referente às obras do Estado.

Convidam-se os licenciados a reunir amanhã, às 13 horas, para a comissão lhes dar conta das «demarches» realizadas.

ACABA DE SAIR

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fogo escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor: Preço 1900.

Pedidos à administração de A Batalha.

A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arkonof. Preço \$50.

## Vida Sindical

C. G. T.

Secretariado de Propaganda

Reúne na próxima terça-feira pelas 2 horas.

Comissão organizadora do IV Congresso Operário

Reúne amanhã, pelas 21 horas.

C. S. T. L.

(Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa)

Comissão instaladora

Reúne terça-feira, pelas 21 horas, a comissão instaladora juntamente com os delegados das direcções convidadas, a fim de tratar do horário do trabalho.

Comissão pró-libertação dos presos e deportados

Reúne terça-feira, às 20 horas, para continuação dos trabalhos.

Comissão pró-presos

Reúne amanhã, pelas 21 horas.

CONVOCAÇÕES

REUNEM HOJE:

Liga dos Vendedores de Jornais. — A assembleia magna, pelas 19 horas, com a ordem de trabalhos já anunciada. Esta assembleia occupar-se da censura ao jornal A Batalha.

S. U. Metalúrgico. — Pelas 13 horas, a comissão escolar.

Condutores de Carroças. — A comissão administrativa, às 20 horas, com a comissão de «demarches» e da secção do Póço do Bispo.

DIAS PRÓXIMOS:

S. U. Metalúrgico. — Em continuação dos trabalhos da assembleia transacta, reúne na próxima terça-feira a assembleia geral.

S. U. Mobiliário. — Reúne na próxima terça-feira, a assembleia geral, com a ordem de trabalhos já anunciada.

Comissão Administrativa. — Reúne amanhã, pelas 20,30 horas.

Compositores e Impressores Tipográficos. — São convidados a reunir em assembleia magna, na sede dos Compositores Tipográficos, Rua António Maria Cardoso, 20, os compositores e impressores tipográficos, na próxima quarta-feira 15 de julho, pelas 20 horas, para se pronunciarem sobre um officio da Federação do Livro e do Jornal onde pretende que seja aplicada a importância de 1.500\$00 (saldo dos movimentos grevistas tipográficos de 1922 e 1923 nas casas de obras) nas despesas a fazer com a realização do Congresso Gráfico.

SINDICATOS DA PROVINCIA

U. S. O. de Olhão. — Em reunião do conselho de delegados, tratando-se a questão da Construção Naval, José Gonçalves diz que César é que a provocou. César dá explicações. Alvaro Gouveia propõe que se nomeie uma comissão de três membros, a fim de ir aquelle organismo para que os demovam do seu propósito de não querermos continuar a enviar delegados. Para esta comissão foram nomeados José Correia, José Gonçalves e Alvaro Gouveia. Gouveia propõe que os sindicatos desorganizados tenham apenas voto consultivo, sendo aprovado. José Gonçalves diz que U. S. O. deve officiar ao administrador do concelho para que este envie os cartões para os fiscaes do pão. César diz que o pão não é igual em todas as padarias, pedindo para que os fiscaes exerçam a sua acção. José Amarelo entende que o pão de luxo deve acabar. E' lida a circular da C. G. T. referente ao movimento de protesto contra as deportações. Gouveia diz que devemos levar a efeito uma greve de protesto contra as arbitrariedades do governo, mesmo que seja por 24 horas, e que desde já ela seja declarada em principio, marcando-se sessões em todos os sindicatos para este fim, devendo assistir delegados deste organismo para exporem a questão, sendo aprovado. A sessão dos Marítimos foram nomeados Alberto da Silva e José Correia; Metalúrgicos, Gouveia e José Gonçalves; Empregados no Comércio, Virgílio Tavares; Trabalhadores de Fábricas, Gouveia.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Federação. — Reúni o Comité Federal na passada quinta-feira, apreciando vários expedientes entre o qual um officio do Núcleo do Porto, ponderando a devida resposta. Resolveu enviar uma circular aos núcleos sobre a jornada internacional contra a guerra e militarismo que foi resolvido no II Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores levar a efeito no dia 2 de Agosto.

Caixa de Solidariedade. — Faz-se sentir por este meio a todos os Núcleos a que foram enviadas listas pró-José da Silva Costa, a necessidade da sua rápida devolução com a receita obtida.

Núcleo de Lisboa. — Reúnem amanhã, pelas 20 horas, o secretário geral com os secretários de Educação e de Propaganda, sendo necessária a comparecência do Secretário de Educação e Propaganda do Secretariado Seccional da Secção de Belém.

Secção dos Empregados no Comércio. — Reúne amanhã, pelas 20 horas, a assembleia geral, para resolver sobre a transformação orgânica da secção.

Secção Mobiliária. — Reúne depois de amanhã, pelas 20 horas, a assembleia geral, para resolver sobre a transformação orgânica da secção.

Secção Metalúrgica. — Reúne na próxima quinta-feira, pelas 20 horas, a assembleia geral, para resolver sobre a transformação orgânica da secção.

Secção do Beato e Olivais. — Reúne na próxima sexta-feira, pelas 20 horas, a assembleia geral, para apreciar a situação da secção, nomeação do secretariado seccional e assuntos diversos.

Secção da Meia Laranja. — Reúne na próxima quarta-feira, pelas 20 horas, a assembleia geral, para apreciar a situação da secção, nomeação do secretariado seccional e assuntos diversos. Previnem-se os camaradas que fazem parte da Comissão de Auxílio aos camaradas filiados nesta secção que se encontrem presos, a comparecerem amanhã, das 20 às 22 horas, para entrega das listas.

## SOLIDARIEDADE

Pró-José da Silva Costa

No decorrer da luta travada em prol dos nossos ideais de emancipação humana, é já elevado o número daqueles que nos últimos anos sucumbem fisicamente, vítimas da sua dedicação à causa.

E' grande o numero daqueles que dedicando-se de toda a sua vontade e com toda a pujança da sua vida a uma luta continua e sem descanso, recebem como premio, não a conquista do seu ideal, mas sim a doença que os arrastará à sepultura se a solidariedade, sentimento humanamente belo e sublime, não se manifestar urgentemente e por uma forma proffica.

Coube agora a vez a José da Silva Costa, dedicado militante da Juventude Sindicalista e da organização sindical, o qual se encontra num estado bastante grave.

Fraco fisicamente por natureza própria, foi a sua dedicação a causa dos trabalhadores que bastante concorreu para o definhamento fisico em que se encontra presentemente e hoje a doença vem minando-o peritivamente.

Consultado um especialista, foi este de parecer que, ou José da Silva Costa saia imediatamente de Lisboa, procurando-se um local onde possa respirar ar puro e bom, ter boa alimentação e absoluto repouso, longe das lutas que o reduzem ao estado em que se encontra, não realizando qualquer esforço fisico ou intelectual ou então este nosso camarada em breve desaparecerá do numero dos vivos.

Encontrámo-nos pois neste terrivel dilema: ou conseguirmos a imediata saída de José da Silva Costa para a provincia e obtermos os meios necessários para a sua conveniente alimentação e indispensavel tratamento, durante um certo periodo, ou então será mais um que inevitavelmente perecerá, vítima da árdua luta travada contra um iníquo regime social.

Para atender às despesas imprescindíveis para obtermos o seu restabelecimento e portanto a sua volta à luta, à actividade, dirigimo-nos a todos os camaradas que por nós prestem o necessário auxilio material.

Uma coisa porém não queremos deixar de vincar, é a urgência que o seu melindroso estado requere o auxilio a enviar. Pecam listas a comissão.

Toda a correspondência, donativos e pedidos de listas, deve ser dirigido a Vergilio de Sousa, travessa de Agua de Flôr, 16, 1.º, Lisboa.

Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil

O delegado deste organismo procurou ontem os chefes da 10.ª repartição de contabilidade e da contabilidade do ministério do Trabalho, tendo aquelle dito